
A INTERSUBJETIVIDADE ANTES DA SUBJETIVIDADE NA TEORIA DA
ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE*

KELLY CRISTINI GRANZOTTO WERNER**

RESUMO

Neste estudo, proponho uma reflexão sobre a noção de subjetividade na teoria da enunciação de Émile Benveniste. Para tal, parece-me importante considerar as influências filosóficas possíveis que o autor tenha tido no percurso de formulação de suas teses.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, enunciação, subjetividade.

PALAVRAS INICIAIS

No seu célebre texto “Da subjetividade na linguagem” datado de 1958, Benveniste explica a sua teoria do sujeito. Para tal, questiona e critica a idéia de linguagem como instrumento de comunicação, defendendo que “falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza” (BENVENISTE, 1991, p. 285) e que não podemos mais conceber a linguagem e o indivíduo dessa forma porque “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a”.

De fato, essa concepção deixa o indivíduo à margem da linguagem, esconde o trabalhador de seu trabalho, mostrando apenas o produto dessa atividade nobre que é falar. O que propõe então é uma idéia de linguagem que dê ao indivíduo o *status* de sujeito e assim deve ser porque “é um

* Algumas das reflexões apresentadas neste texto estão baseadas em minha dissertação de mestrado intitulada *As representações do sujeito professor no manual didático de espanhol sob uma perspectiva enunciativa: um estudo de caso*, defendida na Universidade Federal de Santa Maria, em 10 de janeiro de 2006.

** Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
E-mail: kegbr@yahoo.com.br

homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem”. Ou seja, o homem é um ser de linguagem. Mas não o é sozinho, precisa do outro. E é a linguagem que viabiliza a existência de eu-tu, como sujeitos, mediante o respeito à condição de interação.

Amorim (2001, p. 95), refletindo sobre as diferenças entre a linguagem humana e a comunicação animal, afirma que “não há linguagem sem possibilidade de diálogo, isto é, sem possibilidade de resposta”. A característica da linguagem humana é a interação, uma vez que ela “exige e pressupõe o outro” (BENVENISTE, 1989, p. 93).

Dessa forma, a linguagem será o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito, uma vez que disponibiliza elementos dentro da língua para que isso aconteça, como é o caso da categoria de pessoa (da qual fazem parte os pronomes e o verbo, expressando pessoalidade), da categoria de tempo (com verbo e advérbios expressando a temporalidade) e da categoria de espaço (com advérbios e pronomes expressando a espacialidade). Assim sendo, a linguagem é a possibilidade da subjetividade, se entendida como discurso. Ela, quando considerada como exercício assumido pelos indivíduos, é linguagem posta em ação. Essa noção perpassa toda a teoria da enunciação postulada por Benveniste, a qual direciona os estudos sobre a linguagem para uma nova situação.

A TEORIA DO SUJEITO E SUAS POSSÍVEIS RAÍZES FILOSÓFICAS

Fazendo releituras e interpretações dos textos de Benveniste e de estudiosos de sua obra, que revela uma teoria da enunciação, percebemos que o autor não pretendia fazer uma teoria do sujeito, mas se preocupava com a questão da significação. Muzzi (1999, p. 202) afirma que

o centro de interesse da obra de Benveniste é a questão da significação, do sistema e do valor e o objetivo por ele visado é a constituição de uma antropologia da linguagem, construída a partir da

noção de comunicação – não no sentido de transmissão de mensagens, mas de elaboração de valores constitutivos de uma sociedade.

Benveniste (1989a) se interessa pela significação, também tema de estudo de seu mestre Bréal.¹ Segundo Bressan (2003, p. 54), “ambos procuram o mistério que se esconde na significação da língua: Bréal dedicou uma obra inteira a essa ciência chamada semântica, e Benveniste a persegue pelo caminho da enunciação. São incansáveis no rastreamento da subjetividade”.

Evidenciamos que a perspectiva de entendimento do sentido, por parte de ambos os autores, é distinta. Para Bréal (1992), o sentido é uma relação com o mundo, assim como é a subjetividade – uma relação homem-mundo. Ela não é intersubjetiva como em Benveniste (1991b). Mas outras influências de Bréal em Benveniste parecem possíveis. Guimarães (1992) afirma que as considerações feitas por Bréal sobre a pessoa servem de inspiração a Benveniste (1991a) para seus estudos sobre os pronomes e as pessoas verbais. Observemos uma passagem que permitirá visualizar tal afirmação, no capítulo XXV, intitulado de “O elemento subjetivo”, do livro *Ensaio de semântica*² de Bréal (1992, p. 161):

Sobre as três pessoas do verbo, há uma que ele se reserva de modo absoluto (a que se convencionou chamar *a primeira*). Desse modo ele opõe sua individualidade ao resto do universo. Quanto à segunda ela não nos distancia ainda muito de nós mesmos, já que a segunda pessoa não tem outra razão de ser que a de achar-se interpelada pela primeira. Pode-se, pois, dizer que só a terceira pessoa representa a porção objetiva da linguagem. [...] Uma observação análoga pode ser feita sobre os pronomes.

Podemos pensar então que o sujeito foi uma conseqüência do anseio de Benveniste pela descoberta da significação. Apesar disso, tornou-se referência, nos estudos da linguagem, e há quem reconheça que sua maior contribuição para a lingüística moderna é a questão da

subjetividade. Outros pensam que o maior destaque não foi seu entendimento da subjetividade, mas sim a abertura do caminho para que ela fosse trabalhada à sua maneira, ou não, no seio da lingüística. E há os que o reconhecem como um lingüista. Normand (1996, p. 143) refere-se à questão da seguinte maneira:

Eu evocarei somente o funcionamento do termo sujeito, já que se reconhece geralmente a Benveniste o mérito de ter lhe dado um lugar na teoria lingüística. [...] J. Kristeva (1971) a propósito do “sujeito em lingüística”, cita Buysens depois de Benveniste (1966) como permitindo introduzir o sujeito da enunciação e a autonomia língua/discurso.

A referida autora ainda atribui ao autor “a passagem [...] da noção não questionada do sujeito falante à noção explicitamente problemática de sujeito da enunciação” (NORMAND, 1996, p. 143). A idéia de sujeito da enunciação é atribuída a Benveniste, apesar de ele não ter usado esse sintagma em sua obra, conforme assevera Normand, fato com que podemos concordar, quando lemos os textos do autor. Talvez isso se justifique por Benveniste mostrar-se preocupado com a significação. Assim, é evidente o reconhecimento de Normand a Benveniste por ter dado um lugar ao sujeito nos estudos lingüísticos.

Já Pechêux trata Benveniste como um dos “seus lingüistas”, ao lado de Saussure, um reconhecimento tardio, porém manifestado, sem maior detalhamento (MALDIDIER, 2003, p. 97).

Enfim, o sujeito veio à tona porque é inevitável sua presença quando estudamos o sentido na linguagem. Pelo significativo papel nos seus estudos, é possível sustentar que o sujeito se tornou o cerne da teoria da enunciação do autor.

Apesar de ser uma questão importantíssima para se estudar e se entender, no momento em que foi levantada por Benveniste (1991b) – ao lado de sua preocupação maior, o sentido na linguagem –, a subjetividade não despertou o interesse dos estudos lingüísticos daquela época, em que os princípios do estruturalismo saussuriano ainda eram seguidos

e defendidos. Como afirma Dosse (1994, p. 61), “acontece que Benveniste não é ignorado por desconhecimento: foi deliberadamente que a lingüística estrutural barrou na época o caminho de acesso ao sujeito”. Assim como o sujeito e o sentido, unidades da ordem exterior da língua, o próprio Benveniste também foi excluído. Na lingüística, não conseguiu lugar para expor suas idéias, o que o fez buscar caminhos fora dela, na filosofia, na psicologia, na sociologia. Segundo Dosse (1994, p. 61), ele foi “pregar no deserto”. Talvez esse contato que Benveniste teve com as outras áreas das ciências humanas – principalmente, com a filosofia – tenha influenciado seu modo de pensar e sua proposição de subjetividade, de linguagem, de discurso e de sentido. Normand (1985, p. 9) declara:

Eu sublinho somente que Benveniste foi mal conhecido (mais que desconhecido) antes de 1970, ainda que Jakobson, quando cita a propósito dos *embrayeurs*, parece ler, freqüentemente, através de análises mais claras, aquele que o teria precedido nesse caminho. Digamos que a enunciação como conjunto teórico atribuível a Benveniste é desconhecida ou apenas pouco conhecida dos lingüistas franceses antes de 1970 e que as referências, quando são encontradas, são feitas apenas a Jakobson. De outros teóricos que se ocupam ou que se declaram psicanalistas ou filósofos, Benveniste parece ser mais bem conhecido, explicitamente desenvolvido pelos filósofos, mais obscuramente presente nos psicanalistas.³

A noção de subjetividade, entendida como intersubjetividade, tal qual temos hoje, possível na e pela linguagem, pode ser novidade nos estudos lingüísticos em que Benveniste é o fundador, mas, na filosofia, essa idéia já era discutida e defendida.

Segundo Faraco (2000), é possível discernir que a relação eu-tu surge pela primeira vez no pensamento moderno, no século XVIII, com a filosofia alemã. Inclusive, um filósofo, Friedrich H. Jacobi (1743-1819), afirma ser o primeiro a propor o referido tema:⁴

No prefácio à edição de 1815 da obra de David Hume über den Glauben, em nota de pé-de-página, Jacobi (1994, p. 554) declara

explicitamente ter sido ele o primeiro a proclamar inequivocamente, na obra sobre Spinoza a apropriação “O Eu é impossível sem o Tu”. (FARACO, 2000)

O tu a quem Jacobi se refere é Deus. Essa relação eu-tu é retomada mais tarde por estudiosos como Fichte,⁵ Hegel⁶ e outros.

Na lingüística, supomos que é pela filosofia do diálogo ou da relação de Martin Buber⁷ que se conhece a noção eu-tu. A base do princípio dialógico está nessa filosofia, que entende a palavra como dialógica e, enquanto tal, possibilita a relação entre os sujeitos e os faz viver a experiência da interação. Essa filosofia entende o homem não como um ser individual, mas sim como uma relação dialógica entre eu e tu. Para Buber (1977, p. 32), “O homem se torna eu na relação com o tu”. O eu individualmente não existe, é uma janela para o outro. O tu é condição *sine qua non* para que o eu exista. Mas, como afirma Von Zuben (1977, p. XLIX), ao prefaciá-lo livro de Buber, “o Eu se torna eu em virtude do tu. Isto não significa que devo a ele o meu lugar. Eu lhe devo a minha relação com ele”. Ou seja, a palavra-chave é o entre, a relação, o lugar onde a palavra se revela pelo eu-tu. Nem o eu nem o tu existiriam fora dessa relação porque “toda vida atual é encontro” (BUBER, 1977, p. 13). Essa relação, segundo o autor, é reciprocidade uma vez que um atua sobre o outro, é a concretização da interação. A relação estabelecida faz surgir as pessoas, mas evidentemente uma pessoa só aparece se tiver um encontro com outras, via palavra. E é daí que Buber defende a palavra como dialógica. Além disso, ela é que faz o homem existir como ser e o coloca em relação com o outro no mundo e não o contrário. A palavra faz o homem surgir naquilo que Buber chamou de revelação. É por isso que defende a palavra, como princípio da existência humana no mundo, que se materializa no evento eu-tu. Segundo Von Zuben (2003, p. 87), “a categoria primordial da dialogicidade da palavra é o ‘entre’”.

Buber (1977) entende que o eu vê o outro como único, e é só quando o eu distingue o tu dos demais que começa a conhecê-lo como sujeito. A consciência da unicidade, característica que Benveniste (1991b)

também atribui às pessoas do discurso, é fundamental no encontro “sujeito-sujeito”. Perceber o outro, além da entidade espaço-temporal que representa, também é importante para sustentar a interação sujeito-sujeito (STEWART, 1986).

Se o eu tiver consciência da unicidade e da reversibilidade do outro, existirá a possibilidade de entender o outro como um ser que “decide” e não apenas como um “reagente”, para usar os termos de Stewart (1986). Nessas condições é que a intersubjetividade é possível para Buber (1977). É um movimento entre eu-tu que acontece.

Portanto, não existe o eu sem o tu e sem o mundo e vice-versa. Eu-tu não são entidades individuais, mas relacionais.⁸ Logo, o eu e o tu, enquanto unidades individuais, são posteriores à relação eu-tu. Mas eu-tu precede o eu-isso.

Sabemos que a reflexão sobre a existência do homem não começa com Buber (1977). Ela é uma questão anterior à própria configuração da filosofia. Na obra *¿Qué es el hombre?*, editada pela primeira vez em hebreu, em 1942, Buber recupera o pensamento de alguns pensadores e filósofos acerca de como é que despertou no homem a curiosidade sobre o tema da existência humana e de como a trataram. Segundo Buber (1967), Kant se fez quatro perguntas,⁹ entre elas, “O que é o homem?”. Essa questão foi tema de reflexão de muitos depois de Kant e ainda continua sendo. Mas, a seu modo, o homem tenta respondê-la. No entanto, é dos estudiosos que temos respostas teóricas mais formalizadas sobre isso. Buber (1967), por exemplo, nessa obra, põe idéias que podem aproximar-se, segundo ele, à resposta da pergunta que dá nome ao seu livro. Porém, o autor nos alerta que isso só é possível se entendermos o ser em relação com outro ser, ou seja, “em cujo ‘estar-dois-recíproca-presença’” se realiza e se reconhece cada vez o encontro do “um” com o “outro”¹⁰ (BUBER, 1967, p. 151). É à “relação entre”, portanto, que eu-tu devem sua existência e, por meio dela, é que conseguimos responder o que é o homem na realidade. Assim, Buber (1967, p. 150) reitera:

Unicamente na relação viva poderemos reconhecer imediatamente a essência peculiar ao homem. Também o gorila é um indivíduo, também um térmita é uma coletividade, porém o “eu” e o “tu” somente se dão no nosso mundo, porque existe o homem e o eu, certamente, através da relação com o tu. A ciência filosófica do homem, que abarca a antropologia e a sociologia, tem que partir da consideração deste objeto: o homem com o homem. Se considerarmos o indivíduo em si, então chegaremos a ver tanto do homem como vemos da lua. Somente o homem com o homem é uma imagem cabal. [...] Se consideramos o homem com o homem, veremos, sempre, a dualidade dinâmica que constitui o ser humano.¹¹

Talvez Benveniste tenha lido Buber (1967), no tempo em que caminhou pela filosofia, e pode ser que daí venha a sua proposição de pessoa, sujeito e sentido, uma vez que são notáveis as semelhanças. Acreditando nessa possibilidade, trazer essas idéias de Buber pode nos ajudar a entender também o que Benveniste defende acerca da subjetividade na linguagem, a qual existe pela intersubjetividade.

Certamente Benveniste leu filósofos como Kant, Hegel, entre outros, pois há quem o considere herdeiro dessas correntes filosóficas. Segundo Normand (1996, p. 137), “é a partir de comparações [...] que eu me permito ver em Benveniste um hegeliano infeliz, infelicidade da qual devemos nos alegrar já que ela impediu a voltar sem cessar a esta língua que escapa a uma descrição integral, bem como a uma explicação funcional”.

Por sua vez, Flores (2004, p. 221) assevera que

[...] o Kantianismo aparece em Benveniste precisamente no momento em que há a recusa do em si. O sujeito não é uma coisa. Independentemente do lado que se olhe, ele é uma condição formal para que o homem exista. Mas, para que exista como linguagem, porque opor o homem à linguagem é opô-lo a sua própria natureza. O sujeito é linguagem, e a intersubjetividade é a sua condição.

No entanto, com o passar dos tempos e com a transformação dos modos de pensar a linguagem e os estudos sobre ela, não havia mais

espaço para não tratar das questões levantadas por Benveniste (1991a). Foi preciso, assim, admitir a entrada do sujeito e do sentido e reconhecer que a enunciação e as categorias a ela relacionadas são parte da visão de linguagem do homem moderno e também da sua história. Com isso, o autor é comedidamente valorizado.

Além da dificuldade de aceitação de suas idéias, Benveniste também foi criticado pela forma de entender o sujeito na linguagem e combatido pelos que interpretam a visão de sujeito dessa teoria como aquele que é origem da enunciação e do sentido, como o dono do dizer. Contudo, recuperando a visão de língua e de linguagem, defendida por Benveniste (1991b), como social, acreditamos que seria contraditório pensar no sujeito como fonte da enunciação.

A subjetividade é entendida como a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”, e essa proposição tem como condição a linguagem. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego” (BENVENISTE, 1991b, p. 28). Assim sendo, essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e pelo seu *status* lingüístico. O fundamento da subjetividade é lingüístico, repousando representativamente na noção de pessoalidade, que Benveniste (1991a) se preocupa em definir. Nela se ancoram as demais parceiras que demonstram o sujeito, a espacialidade e a temporalidade. A pessoa existe em qualquer língua e, por isso, a possibilidade da subjetividade na linguagem também. De acordo com Benveniste (1958, p. 287), “é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntaríamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem”.

Para se tornar sujeito, o locutor tem como condição necessária a linguagem, mas não só ela. É preciso também que o locutor tenha consciência do seu alocutário. Ou seja, entendemos que a subjetividade, pensada por Benveniste (1991b), não é projetada no eu, mas sim na relação de intersubjetividade do par eu-tu, relação acontecida em um

aqui-agora. Desse modo, a relação dos sujeitos é dialógica por natureza. Benveniste defende a idéia de que o sujeito, para se constituir como tal, precisa reconhecer o outro, não importando a gênese desse outro, que pode ser real ou imaginária. Essa relação é intermediada pelo social, pelo diálogo e disso nascem os sentidos: “É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1991b, p. 287). Como locutor, podemos pensá-lo como fonte da enunciação, mas o sentido de sua mensagem, a natureza do dizer é heterogênea porque o eu pensa no outro para enunciar. Parafraseando Sobral (1999), pode ser que haja uma ilusão de ser o centro do dizer e do sentido, o que Benveniste reconhece, mas isso é a própria condição da enunciação. Desse modo, “essa ‘posse’, essa posição de ‘centro’, é portanto um efeito necessário de apropriação coletiva de que a linguagem é objeto; trata-se de uma ilusão da ‘verdade’ do discurso, da posse de um conhecimento ‘objetivo da realidade’” (SOBRAL, 1999, p. 108).

Na verdade, a relação de alteridade é evidenciada na constituição do sujeito, do sentido e do próprio processo de comunicação. Para Barthes (1988, p. 182), Benveniste “[...] funda uma lingüística nova, que não existe em nenhum outro autor [...]: a linguagem da enunciação; a linguagem, e, portanto, o mundo inteiro, articula-se sobre essa forma: eu/tu”. Não há como sustentar a posição de sujeito centro da enunciação.

Para Benveniste (1991b), a subjetividade é percebida materialmente em um enunciado através de algumas formas que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar – a dêixis (as funções sintáticas também). Em o fazendo, transforma-se em sujeito, classifica essas marcas lingüísticas, que têm o poder de expressar a subjetividade, em pronomes, verbos e advérbios. Assim, a língua comporta índices especiais, em seu interior, os reveladores da subjetividade, que se encontram à disposição de todo locutor que os deseje assumir e falar. É evidente que a existência da subjetividade se dá na e pela linguagem, mas é a atitude do locutor diante da língua que ativa essa propriedade e assim deve ser porque não haveria

possibilidade de dispor, para cada indivíduo, signos específicos para marcar a sua subjetividade. Todos usam os mesmos, sendo que, a cada vez que forem concretizados, referem-se a quem os usou. Depois da enunciação, estão livres novamente e vazios de sentido e referência para que outro possa assumi-los. De acordo com Benveniste (1991b, p. 288), “a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu*”. Para o autor, não há outra forma de o indivíduo legitimar sua subjetividade senão pelo testemunho dado por ele mesmo para um outro.

PALAVRAS FINAIS

Desse modo, para entender como o sujeito se constitui e faz sentido na linguagem em um estudo que tenha por base a teoria da enunciação de Benveniste, podemos partir da observação e análise da categoria de pessoa, da categoria de tempo e de espaço, sendo que a primeira é o parâmetro para as demais. Isto é, quando fazemos um estudo enunciativo, o objetivo não é analisar o sujeito da enunciação em si mesmo, porém as suas marcas na enunciação. De acordo com Gomes (2004, p. 148), “a subjetividade é vista por Benveniste (1958) como uma propriedade da língua realizável pela categoria de pessoa”, ou seja, ele vê a subjetividade como inerente à linguagem.

Ao concluir esta enunciação, cujo objetivo é fazer uma releitura da noção de subjetividade na teoria enunciativa de Émile Benveniste, buscando possíveis influências na filosofia, reiteramos que um indivíduo se torna um ser de linguagem nela e por ela. E não o é sozinho. A companhia do outro é fundamental para que assuma tal condição. Nessa passagem única, surge a comprovação de que a relação de intersubjetividade eu-tu vem antes da própria idéia de subjetividade. Outra maneira não há. Sendo assim, conhecendo filósofos, como os citados neste trabalho, como negar suas influências na concepção de sujeito desenvolvida por Benveniste em sua teoria da enunciação? Elas parecem notáveis e

expressivas. No entanto, proponho que continuemos refletindo sobre a subjetividade humana.

INTERSUBJECTIVITY BEFORE SUBJECTIVITY IN BENVENISTE'S THEORY OF ENUNCIATION

ABSTRACT

In this study, a reflection on the notion of subjectivity in the theory of enunciation as stated by Émile Benveniste is proposed. To accomplish this, it is argued that it is important to consider the different philosophical ideas that influenced Benveniste in the course of the formulation of his own thinking.

KEY WORDS: Language, enunciation, subjectivity.

NOTAS

1. Bréal nasceu em Landau, na Baviera (Alemanha), em 1832, e morreu em Paris, em 1915. Entrou para o Collège de France, onde ensinou gramática comparada. Entre seus alunos, destacou-se Ferdinand de Saussure.
2. Em nosso trabalho, utilizamos a tradução brasileira dessa obra de Bréal, que foi publicada pela primeira vez em 1897.
3. As traduções, presentes neste trabalho, são de minha inteira responsabilidade. “Je souligne seulement que Benveniste a été mal connu (plutôt que méconnu) avant 1970, alors même que Jakobson, quando on le citait à propos des embrayeurs, semblait le, souvent, à travers les analyses plus éclairantes de celui qui l'avait précédé dans cette voie. Disons que l'enonciation comme ensemble théorique à référer à Benveniste n'est que peu ou pas connu des linguistes français avant 1970 et que les références, quando on en trouve, ne sont faites qu'à Jakobson. D'autres théoriciens pourtant s'en réclament, psychanalystes et philosophes. Dans ce cas, Benveniste semble souvent mieux connu, explicitement développé par les philosophes, plus obscurément présent chez les psychanalystes” (NORMAND, 1985, p. 9).
4. Jacobi, em uma carta de 1775, declara: “Os filósofos analisam e argumentam e explicam: até que ponto nós realmente experienciamos que algo existe fora de nós? Eu tenho de rir dessas pessoas, entre as quais eu mesmo estive incluído. Abro meus olhos e meus ouvidos, ou estendo minhas mãos, e

naquele exato instante eu sinto o Tu e Eu; o Eu e Tu. Se tudo que está fora de mim, fosse separado de mim, eu mergulharia no insensível, na morte. Tu, tu me dás vida. [...] Deus, eu me conformo contigo e em ti, separado e um, Eu em Ti, e Tu em Mim” (Tradução de FARACO, 2000).

5. Johann Gottlieb Fichte, filósofo alemão, nasceu em Rammenau, atual Alemanha, em 1762, e morreu em Berlim em 1814. Seu sistema filosófico abriu o chamado “idealismo alemão”, exercendo notável influência em Hegel e Schelling, entre outros. (Disponível em: <<http://www.escolar.com/biografias/f/fichte.htm>>).
6. Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart, a 27 de agosto de 1770, e faleceu a 14 de novembro de 1831, em Berlim. É autor de um esquema dialético no qual o que existe de lógico, natural, humano e divino oscila de uma tese para uma antítese, e de volta para uma síntese mais rica (Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br/fcp-hegel.html#vida>>).
7. Martin Buber nasceu em Viena, no ano de 1878, e morreu em Jerusalém, em 1965. A obra mais importante desse pensador é *Eu e tu* (1923), na qual expõe a sua filosofia do diálogo, da relação. É uma obra que trata da existência humana.
8. Para Buber (1967), o eu, enquanto individualidade, não existe. Há somente o eu em relação ao tu de eu-tu e o eu em relação ao mundo de eu-isso.
9. As quatro questões kantianas são: 1) Que posso saber? 2) Que devo saber? 3) Que me cabe saber? e 4) Que é o homem?
10. “[...] en cuyo ‘estar-dos-recíproca-presencia’ se realiza y se reconoce cada vez el encuentro del ‘uno’ con el ‘otro’” (BUBER, 1967, p. 151).
11. “Únicamente en la relación viva podremos reconocer inmediatamente la esencia peculiar al hombre. También el gorila es un individuo, también una termitera es una colectividad, pero el ‘yo’ y el ‘tú’ solo se dan en nuestro mundo, porque existe el hombre y el yo, ciertamente, a través de la relación con el tú. La ciencia filosófica del hombre, que abarca la antropología y la sociología, tiene que partir de la consideración de este objeto: el hombre con el hombre. Si consideramos al individuo en sí, entonces llegaremos a ver tanto del hombre como vemos de la luna. Sólo el hombre con el hombre es una imagen cabal. [...] Si consideramos el hombre con el hombre veremos, siempre, la dualidad dinámica que constituye al ser humano [...]” (BUBER, 1967, p. 150).

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. *O pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991a. [1. ed.: 1946].
- _____. Da subjetividade na linguagem. *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991b. [1. ed.: 1958].
- _____. Semiologia da língua. *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989a. [1. ed.: 1969].
- _____. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989b. [1. ed.: 1968].
- BREÁL, M. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: Pontes, 1992.
- BRESSAN, N. T. W. *A tríade enunciativa: um estudo sobre a não-pessoa na teoria da enunciação de Émile Benveniste*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.
- BUBER, M. *¿Qué es el Hombre?* 6. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1967.
- _____. *Eu e tu*. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1977.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. São Paulo: Ensaio, 1994.
- FARACO, C. A. Fundamentos de uma teoria dialógica do discurso. CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 4. *Anais...* Curitiba, 2000.
- FLORES, V. N. Por que gosto de Benveniste? *Revista Letras de Hoje*, v. 39, n. 4, p. 30-217, dez. 2004.
- GOMES, N. M. T. Em busca de um conceito de língua em teorias da enunciação. *Revista Letras de Hoje*, v. 39, n. 138, p. 137-150, dez. 2004.

GUIMARÃES, E. A Lingüística é uma ciência histórica. In: BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: Pontes, 1992.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. São Paulo: Pontes, 2003.

MUZZI, E. S. Do enunciado à enunciação: Benveniste. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.). *Fundamentos e dimensões da AD*. Belo Horizonte: Carol Borges/Núcleo de AD/UFMG, 1999. p. 201-210.

NORMAND, C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E. M.; RABELLO, S. (Orgs.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996. p. 127-152.

_____. Le sujet dans la langue. *Langages*, Paris: Larousse, n. 77, p. 7-19, 1985.

SOBRAL, A. U. *A escola francesa de análise do discurso: elementos para um resgate crítico da noção de lugar social*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. 231f.

STEWART, J. O insight central de Martin Buber: implicações para a sua filosofia. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 11, p. 89-102, 1986.

VON ZUBEN, N. A. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. São Paulo: Edusc, 2003. 232p.